

A tensão modernidade/pós-modernidade como força propulsora das simbioses contemporâneas e o cotidiano escolar

11

Leandro Petarnella*
Maria Lucia de Amorim Soares**

Resumo: Este trabalho tem como objetivo trazer para o pensar as implicações das novas tecnologias na mutação social e no cotidiano escolar. Para tanto, busca na mitologia, especificamente nos mitos de Prometeu e Apolo – como representação da modernidade em Fausto e Dionísio – como representação da pós-modernidade e no mito de Pandora representando o cotidiano da escola, desvelar a tensão existente no cotidiano escolar, diante da mutação contemporânea oriunda das novas tecnologias. Conclui que a condição atual renova desafios para o pensamento e a sociedade e que é, no cotidiano escolar, que, ao se criar o discurso tecnológico, se renovam os temores e os discursos da sociedade, empenhada em recuperar a estabilidade e a confiabilidade de um cenário anterior. Sinaliza ainda que fruto

Abstract: This paper aims to bring the thinking of the implications of new technologies in social change and in the classroom. The starting point is the mythology, specifically in the myths of Prometheus and Apollo – as representative of modernity, Fausto and Dionysus – as a representation of post-modernity and the myth of Pandora, this work represents the school routine, revealing the tension on the school routine, compared with contemporary change from new technologies. Concludes that the current condition of renewal challenges for thought, for society and it is in the school routine that creates the speech technology and renewed at the same time, fears and discourses of society committed to restoring stability and reliability

* Doutorando em Educação pela Universidade de Sorocaba (SP) e Doutorando em Administração pela Universidade Nove de Julho (Uninove). Professor na Uninove O(SP). Pesquisador no grupo de pesquisa *Cotidiano Escolar e Contemporaneidade* da Universidade de Sorocaba. E-mail: leandro-nunes@uol.com.br

** Doutora em Ciências: Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Docente no Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade de Sorocaba e pesquisadora no grupo de pesquisa *Cotidiano Escolar e Contemporaneidade* da Universidade de Sorocaba. E-mail: maria.soares@prof.uniso.br

da tensão modernidade/pós-modernidade está em curso a emergência de um novo sujeito, de um novo lugar, de novas demandas.

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Modernidade. Pós-modernidade.

associated with a previous scenario. Signals still so overwhelming that, as a result, there is an emergence of a permanent new subject, a new place, new demands.

Keywords: School routine. Modernity. Postmodernity.

Introdução

Pensar é uma tarefa arriscada, pois implica a consideração de espaços complexos e tempos múltiplos, a formulação do que não se apresenta verossímil à primeira vista e a aceitação de que as elaborações resultantes da atividade intelectual são irremediavelmente provisórias, instáveis e lacunares. Nesses termos, pensar é um exercício que supõe a aceitação das limitações do pensamento, saber que se pode não saber, e que o impensável e o imponderável são dimensões constituintes do conhecimento.

Pensar o objeto deste artigo implicou um cenário instável e precário de passagens, para perceber aqueles elementos singulares que estão em trânsito na sociedade contemporânea. Numa sociedade que gesta uma cultura marcada pela propagação generalizada de dimensões virtuais, via redes telemáticas, com o acesso ao excesso de imagens e informações, expandindo-se em instâncias cada vez mais diferenciadas da vida social, como as atividades econômicas, o lazer, a comunicação, a gestão dos corpos, a medicina, o esporte, entre outras, o referido pensar envolveu decorrências perceptivas e cognitivas que puderam ser apenas intuídas. São apenas indícios e sinais que se evidenciam nos enunciados verbais mobilizados para a montagem do cenário a ser apresentado.

Para pensar as reflexões a serem tecidas em torno do tema, criamos uma moldura que funcionará como baliza e como ponto de partida: os dilemas da filosofia para essa era na qual vivemos, considerando-a como digital. Partindo dessas considerações, as especificidades nos permitem refletir sobre as simbioses entre a técnica e a tecnologia, entre a carne e o inorgânico, entre a força e a plasticidade, entre o corpóreo e o incorpóreo, ou seja, sobre a lacuna na qual a tensão modernidade/pós-



modernidade gesta a sociedade atual. O recorte que faremos para o presente texto são os debates sobre a tensão entre a *phýsis* e a *tékhné* que, apoiado nos trabalhos de Miranda (2008), traz para o cerne da discussão a ação da técnica e da tecnologia sobre o homem.

Miranda (2008) retrata a modernidade como sendo o período dominado pelo mito de Apolo, e a atualidade como sendo o período que se encontra sob a égide de Dionísio. Na mitologia grega, Apolo é o mito que representa a harmonia, a beleza, a ordem e a razão. Logo, ao relacionar a modernidade ao mito de Apolo, podemos intuir a força de um período dominado pela busca da perfeição, do domínio da razão humana, do homem como centro do universo, e a ciência como a responsável pela emancipação humana.

É importante salientarmos que Apolo também é o mito de transição do período da juventude para a fase adulta. Assim, o contexto que levantamos refere-se à transição pela qual passa a sociedade na busca de respostas para a questão seguinte: Estaria o corpo social se metamorfoseando para sua fase adulta? Quando Miranda (2008) compara a contemporaneidade ao mito de Dionísio, a busca por respostas se faz mais perturbadora do que racional, uma vez que Dionísio, na mitologia grega, é o deus dos excessos, dos ritos e do lazer.

É no entendimento de como esses dois mitos – o de Apolo e o de Dionísio – podem viver num mesmo período, numa mesma época ou, inclusive, em um mesmo texto que se torna possível conceber a mutação dentro de um processo histórico, como bem delineou Deleuze e Guatari (1997), como “platôs que não constituem uma montanha”, como epicentros que se amalgamam e se sobrepõem constituindo uma cultura ao mesmo tempo que no qual não se excluem.

Intertextualizando os trabalhos de Miranda (2008) e os de Sibilía (2002), surge uma interessante perspectiva de análise: em seus trabalhos, a autora descreve que a civilização, de origem *prometeica* passa, na atualidade, por uma tensão com a configuração *fáustica* da sociedade. Na mitologia grega, contada através das tragédias de Ésquilo (465 a. C.), Prometeu é o deus que lutou pelo bem-estar humano fornecendo-lhe a razão e a sabedoria, dotando-o da capacidade de dominar a técnica. Detentor do poder da predição, Prometeu sabia que Júpiter, ao se tornar o deus condutor das decisões sobre o Universo, desejava deixar a espécie humana na condição de animalidade. A dúvida de Júpiter era, então, se a humanidade deveria ser substituída por outra, de sua criação, ou permanecer em situação de criaturas irracionais. Com pena de sua criação,





Prometeu contrariou as ordens de Júpiter, que então eram supremas, e roubou uma faísca do fogo celeste e a deu à humanidade. Dessa forma, os homens foram dotados de razão, de inteligência e passaram a conhecer as ciências e as artes sem necessitar da intervenção divina.

Já em *Teogonia*, Hesíodo (séc. VIII a. C.), nos conta que Prometeu, ao chegar à Terra, descobriu-a, abandonada pelos céus. Como consequência, apanhou um punhado de argila e molhou com um pouco da água de um rio, fazendo dessa matéria o homem, à semelhança dos deuses, para que fosse o senhor da Terra. O autor ainda nos conta que Prometeu apanhou as almas dos animais, animando sua criatura. O titã Prometeu pediu a Atena, deusa da sabedoria, o sopro divino para sua criação, dando, assim, origem aos primeiros seres humanos que logo povoaram a Terra. Foi Prometeu o responsável, também, pela criação da máquina como extensão humana visto os homens nada saberem sobre os assuntos da Terra e do céu vagando sem conhecer as artes da construção, da agricultura, da caça ou da pesca. Prometeu ensinou às suas criaturas muitos segredos, inventando, inclusive, o arado para que os homens pudessem plantar. Inventou, também, a cunhagem das moedas para que houvesse o comércio, a escrita e a mineração. Ensinou-lhes a arte da profecia e da astronomia, logo, tudo que era necessário para o desenvolvimento da humanidade.

Ao recorrer à mitologia grega, especificamente aos mitos que tratam de Prometeu, fica claro que, apesar das divergências entre os textos de Hesíodo (séc. VIII a. C.) e de Ésquilo (465 a. C.), ambos apontam para Prometeu como sendo o responsável pela razão e autossuficiência humanas. Em outras palavras: Prometeu deu à humanidade a técnica e, como consequência, os homens utilizam-se da técnica para desenvolver experimentos, máquinas e ferramentas. Diante dessa personagem, Sibília (2002) exemplifica a tecnologia como criação e, por decorrência, a extensão humana. Para a autora, “tal mito denuncia a arrogância da humanidade, em sua tentativa de usurpar as prerrogativas divinas por meio de artimanhas e saberes terrenos”. (p. 43). Mas as tecnologias davam suporte aos afazeres do homem e, apesar de as mesmas interferirem de maneira objetiva em sua vida, eram dominadas pelo próprio homem. Como diz Sibília, “na tradição *Prometeica* pretende-se dominar tecnicamente a natureza, visando o bem humano, a emancipação da espécie e, fundamentalmente, das classes oprimidas”. (2002, p. 44).

Com base ainda em Prometeu, a autora informa como o espírito iluminista prima pela fé na racionalidade, pela perfeição da ciência como






conhecimento cartesiano e confia na ciência, que está a serviço de melhorar as condições de vida dos seres humanos. Entretanto, ao estar a humanidade vivendo em um período marcado pela aceleração e o avanço tecnológico e sem determinação certa de como e para aonde essa aceleração nos levará, Sibilia (2002) torna Fausto uma personagem da mitologia alemã, descrevendo a forma desenfreada por meio da qual a tecnologia promove alterações na sociedade contemporânea. Fausto, médico, mágico e alquimista, desiludido com o conhecimento de seu tempo, faz um pacto com o demônio Mefistófeles. O demônio, como parte do contrato compactuado, concede a Fausto uma energia satânica, insufladora da paixão pela técnica e pelo progresso. Essa energia, porém, faz de Fausto um homem desdenhoso das consequências e dos estragos de sua ciência, tornando-o um gênio leviano, um louco obcecado pelo progresso e cego para tudo o mais. Segundo Berman (apud SIBILIA, 2002, p. 43), mesmo sendo a História contada em diferentes versões nos últimos quatro séculos, “a tragédia ou a comédia se produz quando Fausto perde o controle de sua mente e passa a adquirir vida própria, dinâmica e altamente explosiva”.

De acordo com a autora, no tipo de saber *faustico*, a tecnociência contemporânea almeja ultrapassar todas as limitações biológicas ligadas à materialidade do corpo humano. Esse é o saber que responde pelo hoje, em que a “tecnologia é colocada a serviço da reconfiguração do que é vivo e em luta contra o envelhecimento e a morte”. (p. 49). Como argumento para suas afirmações, a autora recorre à biotecnologia, aos avanços das indústrias de próteses e à fusão dos aparelhos e equipamentos criados por essas indústrias e o corpo humano, combinando orgânico e inorgânico, fazendo, assim, do homem um sujeito não natural em sua plenitude e também não inteiramente artificial.

O cotidiano escolar e o jarro de Pandora

Partindo dos pressupostos apresentados, trazemos para suscitar o pensar a escola, porque essa se configura como uma unidade institucional responsável pela gestação e adequação da biopolítica e do biopoder sobre os corpos individuais e sociais, que se metamorfoseiam. Sendo instituição responsável pelo desenvolvimento das habilidades e competências do *aprender a aprender, aprender a ser, aprender a conviver e aprender a fazer*, a escola se depara com alunos que vivem e internalizam os excessos






informativos. É nesse espaço que ocorrem agenciamentos múltiplos que resultam, em síntese, na formação dos sujeitos que vivem e interagem *com/na* tensão de uma sociedade iluminista, moderna, dominada por Prometeu e Apolo com o que, em indícios, se apresenta: pós-moderna, espumante, dominada por Dionísio e Fausto. É nessa tensão que é possível fazermos a associação do cotidiano escolar ao mito de Pandora, pois é nele que se guarda e se desvela, a todo instante, possibilidades de mudanças e amalgamentos de várias outras tensões.


Apesar das divergências existentes acerca do mito de Pandora, conforme nos orienta Panofsky e Panofsky (2009), essa era, em um primeiro momento, a imagem de uma linda mulher que fora forjada por Prometeu, já que esse foi o responsável pela criação humana. Segundo a versão de *Hesíodo* (séc. VIII a. C.), Pandora foi dotada de alma por Atena e aperfeiçoada por todos os outros deuses com determinados dons por eles fornecidos. Transportada para a Terra por Hermes, casa-se com o irmão de Prometeu, tornando-se mãe de todas as mulheres. Ao trazer para a Terra um jarro contendo todos os bens e todos os males dos deuses, trouxe, também, ao mundo, todos os vícios e todos os males contidos no jarro. Ao abrir o jarro, males, bens e vícios se dissiparam, permanecendo no jarro apenas a esperança.

O mito de Pandora e seu respectivo jarro possuem dimensões que se articulam, se pressupõem e se complementam propondo que a dimensão cultural, as condicionantes antropológicas e a historicidade do objeto fundem-se no processo histórico. Silva e Andrade (2009) revelam a ambigüidade feminina presente no mito ao relatar que


se levarmos em consideração os textos da Atenas Clássica, observaremos a presença não de Pandora, mas de seus atributos *femininos*. Falar do que é próprio ao feminino comporta duas vias, um modelo e um anti-modelo, um positivo e um negativo. De um lado, a boa esposa, ou *mélissa*; do outro, a mulher feminina, este ser meio-humano que descende da raça das mulheres, *génos gunaikon*. A ambigüidade entre a boa esposa e a mulher desmedida, tema largamente explorado nas tragédias atenienses, é tributária da construção hesiódica de Pandora (mal reverso de um bem, como veremos adiante), demonstrando, assim, que atribuir feminilidade pode ser, na Atenas Clássica, correlativo ao *apropriar-se* da tradição hesiódica. (p. 328).



É partindo dessa consideração que pensamos a cotidianidade do contexto escolar como o jarro de Pandora. Enquanto *locus* da prática e da *práxis*, é nele que se objetivam as intencionalidades tecnológicas a serviço do poder sobre os corpos – catracas eletrônicas, diários de classe e boletins *online*. A serviço da resistência de corpos ao poder – os dispositivos móveis de comunicação e sua gama de suportes (celulares *I-pods*, *I-fones*, entre tantos). Isso implica dizer que assim como no jarro de Pandora, que possuía todas as benevolências e maledicências dos deuses, é no cotidiano escolar que se torna possível desvelar as manifestações tecnoapocalípticas daqueles sujeitos que atribuem à tecnologia a salvação da humanidade como as manifestações tecnofóbicas, cujo pensar volta-se para a tecnologia como perdição do homem em sua natureza.



Assim, enquanto é local de tensões e contradições, o cotidiano escolar é o *locus do professar* moderno – em nome da esperança, de identidades múltiplas e rizomáticas, coletivas e fragmentadas. É no cotidiano escolar que se instala o ideário iluminista de liberdade, igualdade e fraternidade, porém, preso ao controle, à biopolítica, aos excessos do trabalho e da informação. Dessa forma, torna-se possível trazer para o cerne do debate as surpresas que a tensão modernidade/pós-modernidade, Dionísio/Apolo, Prometeu/Fausto, Biopoder/Resistência, *Práxis/Prática*, faz emergir no cotidiano escolar.



Sabemos com Marques (2003, p. 119), que “as identidades são sempre intra-subjetivas”, e que os sujeitos sempre estão em “arranjos instáveis, efêmeros e plurais”. Isso significa dizer que as maneiras como agimos e nos percebemos são conformadas pelas expectativas dos grupos aos quais pertencemos manifestando-se de vários modos: pelos fins – por meio dos objetivos que estabelecemos com significado e significação especial, ou pelos meios – enquanto é formato aceito para a perseguição de objetivos propostos. Assim, as novas tecnologias, no cotidiano escolar, à primeira vista, não se justificam como fim, tampouco como meio, uma vez que observamos as formas modernamente estabelecidas, como, por exemplo, o giz, a lousa e a saliva, ganhando contornos tecnológicos e transformando-se em *power-point/datashow*, ou seja, suportes e renovação de velhas práticas pedagógicas. Isso ocorre porque a escola tem sua tradição pautada na responsabilidade pela transmissão de conteúdos e manutenção social pela formação dos sujeitos que frequentam (PETARNELLA, 2008, p. 82), fazendo com que a dinâmica da interação social ganhe nova roupagem, porém permanecendo as mesmas diante






de uma sociedade que possui alunos/cabeças digitais – produtos da sociedade tecnológica – fundida na ausência de espaço e de tempo.

Já que no epicentro da revolução pela qual passa a sociedade encontram-se os circuitos integrados, capazes de armazenar imensuráveis quantidades de informações e disponibilizá-las instantaneamente, os *softwares* que convergem e gerenciam essas informações em dados, para que sejam distribuídos em escala glocal, a facilidade de manipulação e a crescente utilização de dispositivos digitais (como cartões de crédito, senhas de acesso) e a ascendente interligação de bancos de dados que descortinam e ultrapassam a identificação do sujeito habitante, transformando-o em uma célula de uma rede rizomática, também no epicentro do cotidiano escolar encontra-se a obsessão de *Fausto* pelo progresso que minimiza os limites da vida humana e potencializa os da tecnologia, promovendo a evolução do homem-máquina para o homem-informação.

Amarrando os fios: conclusão


Quem se lembra de Proteu? A resposta pode ser considerada a síntese resultante deste trabalho: Proteu é um mito fractal. A cada uma das perguntas que sua filha faz sobre sua identidade, ele se metamorfoseia: Proteu é água, é fogo, é pantera. Mas quem é Proteu quando ele não é mais água e ainda não é fogo, não é pantera? Puro interstício: é ponto, é linha, é plano, é volume, é tempo, é tudo e é nada. Cada aparição sua é uma possibilidade de resposta local e uma impossibilidade de resposta global, transitando entre o contínuo e o incontinuo, entre a ordem e a desordem, o campo e o contracampo, entre Apolo e Dionísio, entre Prometeu e Fausto, desvelando, assim, os mecanismos que nos levam à Pandora e ao seu jarro.

Assim como os mitos trabalhados nas operações de composição e montagem deste trabalho, responder à questão sobre a identidade de Proteu com a dimensão temporal da contemporaneidade, momento de reconfiguração de muitas fronteiras e limites: real/virtual, sujeito/objeto, presença/ausência, realidade/ficção, corpóreo/incorpóreo, orgânico/inorgânico, é visualizar a atualidade como um momento de mutação. O hoje pode ser visto como puro interstício entre a sociedade geradora de saber do tipo *prometeico* e a geradora do saber tipo *faustico*, o que significa, portanto, o não desenvolvimento por completo de um pensamento




sistêmico, mas também e ainda, a inadequação ao pensamento complexo, rizomático, apontado pela atualidade como habilidade imprescindível para a cotidianidade.

Por consequência, os alunos contemporâneos, conforme nos diz Petarnella (2008, p. 83) que “pensam digitalmente e têm como capacidade a imersão nos dados que são disponibilizados a todo instante no convívio social”, enfrentam a força da tradição de um mito como Prometeu ou Apolo, ao mesmo passo que carregam a opacidade do excesso que os mitos aqui trabalhos em oposição – Dionísio e Fausto – configuram. Explicamos: já que a sociedade contemporânea é alicerçada na lógica da coletividade ao mesmo tempo que opera no estado de fragmentação, mais do que mutante, a sociedade atual é mutação.



E o cotidiano escolar? Enquanto o jarro de Pandora é responsável pelos embates e pelas tensões que como desafios se renovam, criando possibilidades de construção, de resistência, de implicação e de aceitação. Ou como quer Flusser (2008, p. 19), o cotidiano escolar promove “a dança em torno do concreto”, onde “no decorrer de tal dança, tornou-se sempre mais difícil, paradoxalmente, o retorno para o concreto”. Além do mais, a condição atual renova desafios para o pensamento, renovando, ao mesmo tempo, os temores e os discursos da sociedade que, empenhada em recuperar a estabilidade e a confiabilidade associadas a um cenário anterior, sinaliza de modo enfático, que está em curso a emergência de um novo sujeito, de um novo lugar, de novas demandas, ainda que de natureza difusa, incorpórea e sem contornos bem-definidos. O cotidiano escolar se faz *pela e na* tensão modernidade/pós-modernidade, como a força propulsora da simbiose contemporânea. É puro excesso. É puro interstício.



Referências

- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. São Paulo: M. Claret, 2007.
- FLUSSER, V. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.
- MARQUES, M. O. *A escola no computador: linguagens rearticuladas, educação outra*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2003.
- MIRANDA, J. A. B. de. *Corpo e imagem*. Lisboa: Nova Vega, 2008.
- PANOFSKY, E.; PANOFSKY, D. *A caixa de Pandora: as transformações de um símbolo mítico*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.
- PARENTE, A. Figuras da paisagem: estereoscopia. In: FAVORELLI, A.; BRUNO, F. (Org.). *Limiares da imagem*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- PETARNELLA, L. *Escola analógica e cabeças digitais: o cotidiano escolar frente às tecnologias midiáticas e digitais de informação e comunicação*. Campinas: Átomo & Alínea, 2009.
- SIBILIA, P. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- SILVA, A. C. L. F.; ANDRADE, M. M. Mito e gênero: Pandora e Eva em perspectiva histórica comparada. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 33, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 13 abr. 2010.

Recebido em 11 de fevereiro de 2010 e aprovado em 20 de abril de 2010.